



**CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA  
LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

JUNIO SANTOS DA SILVA

**LINHA DE PESQUISA:**

Ensino de Geografia (Educação do Campo)

**UM OLHAR SOBRE O ENSINO DE GEOGRAFIA NA ESCOLA NO  
CAMPO: UM ESTUDO DE CASO NA E. M. E. F. MANOEL SOARES  
DE OLIVEIRA MUNICÍPIO DE ITAPOROROCA/PB**

GUARABIRA/PB  
2014

JUNIO SANTOS DA SILVA

**UM OLHAR SOBRE O ENSINO DE GEOGRAFIA NA ESCOLA NO  
CAMPO: UM ESTUDO DE CASO NA E. M. E. F. MANOEL SOARES  
DE OLIVEIRA MUNICÍPIO DE ITAPOROROCA/PB**

Artigo apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, Campus-II, Centro de Humanidades Osmar de Aquino, Departamento de Geografia, realizado para obtenção do título de Licenciatura Plena em Geografia. Sob a orientação do Profº. Dr. Edvaldo Carlos de Lima (CH/UEPB).

GUARABIRA/PB

2014

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE  
GUARABIRA/UEPB

S586o Silva, Junio Santos da

Um olhar sobre o ensino de geografia na escola no campo [manuscrito]: um estudo de caso na E. M. E. F. Manoel Soares de Oliveira Município de Itapororoca/PB / Junio Santos da Silva. – Guarabira: UEPB, 2014.

39 p.: Il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Dr. Edvaldo Carlos de Lima, Departamento de Geografia.”

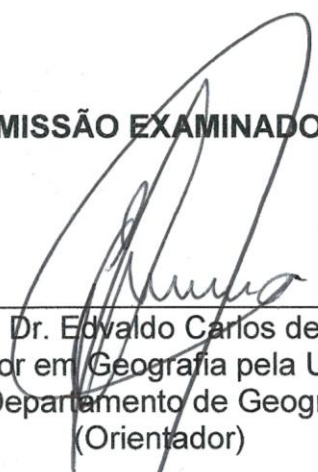
1. Educação do Campo. 2. Ensino. 3. Ensino de Geografia. I. Título.

22. ed. CDD 910

JUNIO SANTOS DA SILVA

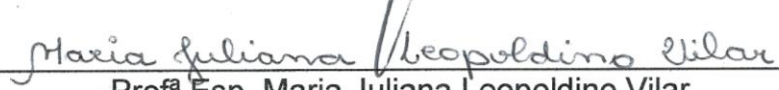
**UM OLHAR SOBRE O ENSINO DE GEOGRAFIA NA ESCOLA NO CAMPO: UM ESTUDO DE CASO NA E. M. E. F. MANOEL SOARES DE OLIVEIRA MUNICÍPIO DE ITAPOROROCA/PB**

**COMISSÃO EXAMINADORA**



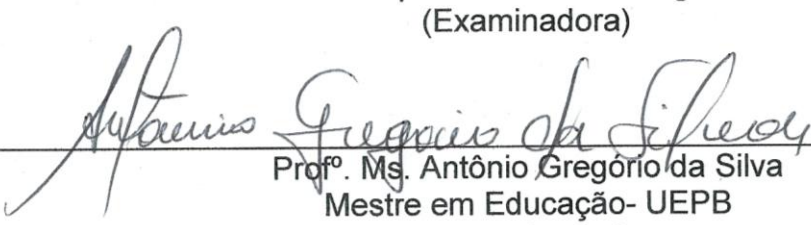
---

Prof. Dr. Edvaldo Carlos de Lima  
Doutor em Geografia pela UFPE  
Professor do Departamento de Geografia/CH/UEPB  
(Orientador)



---

Prof.ª Esp. Maria Juliana Leopoldino Vilar  
Mestranda em Formação de Professores-UEPB  
Professora do Departamento de Geografia/CH/UEPB  
(Examinadora)



---

Prof. Ms. Antônio Gregório da Silva  
Mestre em Educação- UEPB  
(Examinador)

Artigo aprovado em, 24 10 7 12014

Guarabira/PB

2014

## DEDICATÓRIA

De modo especial dedico aos meus pais Manoel Nunes da Silva e Maria José Santos da Silva, pelo apoio, incentivo, esforço e dedicação que sempre me deram em todos os momentos da minha formação humana e profissional.

A Lidiane (esposa), que compartilhou comigo vários momentos de desânimos, cansaço na elaboração desse trabalho e sempre me apoiando durante a formação acadêmica.

A minha irmã Júnia por ter feito com que eu pudesse acreditar no futuro.

Aos meus sobrinhos Isaac e João Manoel, que me alegram e que me deixam bravo quando bagunça os meus livros e as minhas anotações, mas depois vem me abraçar perguntando se é trabalho da Faculdade.

A meus amigos e amigas pelo incentivo e por acreditar na minha capacidade intelectual.

Enfim, a todos que colaboraram direta e indiretamente na minha formação acadêmica.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, como provedor da vida e sabedoria. Deus, deste-me a vocação de ensinar e de ser educador, te agradeço pela missão que me confiaste e ofereço os frutos do meu trabalho.

Quero celebrar minhas conquistas exaltando também o sofrimento que me fez crescer, evoluir.

Deus! Inspira-me na minha vocação de mestre e comunicador. Obrigado, meu Deus, pelo dom da vida e por fazer de mim um educador, hoje e sempre Amém!

Aos mestres que foram fonte de luz para que eu possa no futuro ser um educador consciente do papel de agente transformador da sociedade.

Agradeço de modo especial ao orientador Lima, que nos momentos de desânimos, soube resgatar toda a autoestima, esperança e capacidade intelectual.

Aos professores da UEPB que contribuíram de forma significativa na minha formação acadêmica: Lima, Juliana, Gregório, Paulo José, Luciene, Izandra, Ernane, Fábio, Carlos Belarmino, Sérgio, Alecssandra, Hélio, Raquel e Cleoma.

Aos professores que fizeram parte da banca examinadora, Lima, Juliana e Gregório, pelas contribuições significativas ao meu trabalho de conclusão de curso.

Em especial aos amigos inseparáveis: Jardiane, Laércio, Devid, Manoel e Jéssica, que sempre foram o meu porto seguro, com os quais, em diversos momentos da minha formação, pude contar de forma colaborativa e amigável.

Aos amigos conquistados durante o curso de Geografia, amizades adquiridas nos corredores da Universidade, nas aulas de campo e eventos de Geografia, tornaram-se amigos do peito que tenho muita consideração e estima: Wellington, Ramon, Simone, Maria, Suziane, Marcília, Rubênia, Gustavo, Luzinete e Glória.

De modo todo especial a todos que compõem o corpo docente e discente da Escola Municipal de Ensino Fundamental Manoel Soares de Oliveira.

A minha turma 2008.2, de Licenciatura Plena em Geografia que compartilhamos momentos alegres e tristes, mas sempre tinha alguém que falasse uma palavra de incentivo, para que continuássemos a trilhar o nosso caminho que é ser um verdadeiro educador.

**“É preciso educar pessoas que se atrevam a sair das trilhas aprendidas, com coragem de explorar novos caminhos, pois a ciência se constituiu pela ousadia dos que sonham, e o conhecimento é aventurar-se pelo desconhecido em busca da terra sonhada”.**

Rubens Alves

## **043-GEOGRAFIA**

**TÍTULO:** UM OLHAR SOBRE O ENSINO DE GEOGRAFIA NA ESCOLA NO CAMPO: UM ESTUDO DE CASO NA E. M. E. F. MANOEL SOARES DE OLIVEIRA MUNICÍPIO DE ITAPOROROCA/PB

**LINHA DE PESQUISA:** ENSINO E EDUCAÇÃO

**AUTOR:** JUNIO SANTOS DA SILVA

**ORIENTADOR:** PROF<sup>o</sup>. DR. EDVALDO CARLOS DE LIMA

**BANCA EXAMINADORA:** PROF<sup>a</sup> ESP. MARIA JULIANA LEOPOLDINO VILAR  
PROF<sup>o</sup>. Ms. ANTÔNIO GREGÓRIO DA SILVA

## **RESUMO**

Esta pesquisa objetiva refletir sobre o ensino de Geografia que está sendo ofertado na escola no campo, analisamos também a proposta que norteia esse ensino, considerando o sujeito do campo, como produtor de conhecimento e da sua própria história. O que observamos são propostas educacionais que se materializam no espaço urbano, ofertado às escolas do campo, ensino esse descontextualizado da realidade e de suas especificidades não respeitando o modo de ser, pensar e agir do povo do campo. Precisamos de uma Geografia seguidora e ocasionadora de mudanças da sociedade, trazendo transformações para a realidade da sala de aula, com caráter formador de cidadãos conscientes. Os resultados obtidos, foram que a maioria dos educadores como também os gestores da unidade de ensino, tem um conhecimento restrito a respeito da educação do campo, como também desconhecem a existência de uma proposta educacional direcionada as pessoas que moram no campo. Analisando o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, percebeu-se que em nenhum momento contempla a necessidade de trabalhar um ensino pautado na proposta de educação do/no campo. Estes resultados foram coletados e analisados baseados nas entrevistas em que fizemos ao longo dos meses de Agosto de 2013 a Junho de 2014 e como técnica de pesquisa realizamos trabalho de campo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação do Campo, Ensino, Ensino de Geografia.



## **ABSTRACT**

This research aims to reflect on the teaching of geography that is being offered in the field school, we also analyzed the proposal that guides this teaching, considering the man from the field, as a producer of knowledge and his own history. Which we observe are educational proposals that materialize in the urban space that is offered to the field school, teaching this decontextualized from reality and their specificities not respecting the mode of being, thinking and acting of rural populations. We need a geography which follows the changes in the society and that causes changes, bringing changes to the reality of the classroom, with character former of conscious citizens. The preliminary results that we obtained, were that most educators as well as the managers of the teaching unit, have a limited knowledge about the field education, and also unaware of the existence of an educational proposal directed to people who live in the countryside. Analyzing the Pedagogical Project (PPP) of school, it was noticed that at no time addresses the need to work teaching based on the education proposal of/in field. These results were collected and analyzed based on the interviews we've done over the months of August 2013 to June 2014 and as a research technique we realized fieldwork.

**Keywords:** Field Education, Teaching, Teaching of Geography.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>12</b>
<b>3 A EDUCAÇÃO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO .....</b>	<b>13</b>
<b>4 A GEOGRAFIA NA SALA DE AULA .....</b>	<b>19</b>
<b>5 A PRÁTICA DA EDUCAÇÃO NO CAMPO NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL MANOEL SOARES DE OLIVEIRA .....</b>	<b>22</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>28</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>30</b>
<b>APÊNDICES</b>	

## 1 INTRODUÇÃO

A educação do campo é fruto das mobilizações e reivindicações dos movimentos sociais, principalmente do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), os quais lutaram por uma política educacional que atendesse a realidade das comunidades do campo, sendo estas protagonizadas pelas populações camponesas. Para Caldart (2008, p.151) “trata-se de uma educação dos e não para os sujeitos do campo, que nasça do chão do homem e da mulher do campo”.

Esta luta tinha como bandeira, a melhoria na qualidade de ensino que seria ofertado ao campo brasileiro, onde o camponês tivesse o direito de estudar no lugar onde mora, como também a implantação de propostas educacionais que valorizassem a realidade desse grupo social.

Observar-se que são propostas educacionais consolidadas para o espaço urbano, que é oferecido às escolas do campo, ensino esse descontextualizado da realidade camponesa e de suas especificidades não respeitando o modo de ser, pensar e agir do povo do campo. Para Fernandes (2008, p. 141) “Nosso pensamento é defender o direito que uma população tem de pensar o mundo a partir do lugar que vive, ou seja, da terra em que pisa, melhor ainda a partir de sua realidade”. Nessa ótica corrobora Aragão (2011),

Sobre as questões que envolvem a educação camponesa no Brasil, não seria radical afirmar que as escolas rurais ao longo dos anos vêm recebendo apenas “remendos” dos governos federal, estaduais e municipais em todo o território nacional. Sendo apenas medidas paliativas, essas intervenções não enxerga, as reais necessidades de se melhorar qualitativamente e quantitativamente a educação para os povos do campo, pois ela não é vista com a mesma prioridade na articulação de projetos educacionais destinados às populações urbanas. Que existem lideranças políticas com vontade de realizar transformações positivas na educação brasileira não é utopia acreditar nisso, entretanto, nenhuma transformação será eficaz se persistir o desequilíbrio entre as prioridades das escolas urbanas e as prioridades almejadas pelas escolas no campo (ARAGÃO, 2011, p.44).

O Espaço agrário expressa suas relações de poder através das pertinências existentes no campo, sendo a educação do/no campo uma das que está intrinsecamente relacionada ao território. Este paradigma está interiormente ligado a fragmentação e delimitação espacial do território, de modo que esta categoria de análise apresenta largas dimensões, dentre elas no âmbito político, expressando os

pensamentos, ideias e/ou ideologias, fortalecendo assim a relação de poder. Nos escritos de Fernandes (2005) afirma-se que:

Educação, cultura, produção, trabalho, infraestrutura, organização política, mercado entre outros. São relações sociais constituintes das dimensões territoriais. São concomitantemente interativas e completivas. Elas não existem em separado. A educação não existe fora do território, assim como a cultura, a economia e todas as outras dimensões (FERNANDES, 2005, p. 2).

A partir dessas ideias sobscritas partimos do pressuposto que o modelo de educação do/no campo é um “território de desejo”, enraizado e expresso na história de cada ser político existente no campo. É através da posição política enquanto ser, da autonomia de cidadão e/ou as ações cooperativas em grupos sociais que começamos a exercer as interações com o território, na perspectiva de alcançar o desejo de poder desfrutar de uma verdadeira educação do/no campo.

É na dinâmica do território que as dimensões ganham cada vez mais corpo, são os objetos geográficos (representados pela paisagem), os agentes que constroem e modelam o espaço e o palco (território) que compõe tudo isso, onde são desenvolvidas as relações sociais, emitindo a premissa construtiva da educação do/no campo que valoriza a luta pela terra, a história de um povo e a constante saga contra a opressão, através dos movimentos camponeses que abraçaram à causa e defendem a bandeira. Nesta perspectiva, o conceito de território não se pode utilizar apenas na perspectiva de espaço geográfico, e sim utilizado para representar o poder das ideologias nos processos de transformação da realidade de um povo.

Neste pensamento se faz necessário um ensino de Geografia que siga as mudanças da sociedade sendo inovador, trazendo transformações para a realidade da sala de aula com caráter formador de cidadãos críticos e conscientes. Para Brabant (2010, p.15) “a geografia escolar, apesar de uma predisposição aparente a tratar do mundo que nos rodeia acabou se desenvolvendo no mesmo plano das outras disciplinas, um plano antes de tudo marcado pela abstração”.

A grande questão levantada nesse artigo é entender como gestores, e professores estão construindo os conceitos de Geografia e como eles estão relacionando estes conceitos com a proposta de educação do campo.

Esta pesquisa tem como objetivo, refletir sobre o ensino de geografia que está sendo ofertado na escola no campo, com o intuito de analisar a proposta que

norteia esse ensino, onde o sujeito do campo seja visto como produtor de conhecimento e da sua própria história.

## **2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Manoel Soares de Oliveira, Itapororoca/PB, no período de Agosto de 2013 a Junho de 2014, foram realizadas entrevistas, considerando um universo de 6 educadores, 3 gestores, os mesmos foram entrevistados sobre a temática em discussão, para sabermos como estava a compreensão dos mesmos em relação a ciência geográfica e sua relação com a realidade campesina.

O presente estudo foi produzido através de levantamentos bibliográficos, por meio de leituras em periódicos, livros, revistas, artigos e autores como: Freire (1987), Castrogiovanni (2000), Arroyo (2007), Pessoa (2007), Caldart (2008), Fernandes (2008), Brabant (2010), Kimura (2010), Lima (2011), Silva (2011) dentre outros que discutem essa temática, que subsidiaram a discussão a respeito do ensino de geografia nas escolas do campo.

A pesquisa documental foi realizada a partir do levantamento de dados obtidos nos arquivos da escola estudada que forneceram registros, para a presente proposta de investigação, utilizando como documento principal o Projeto Político Pedagógico (PPP, 2013).

Os trabalhos de campo foram realizados por meio de vistas *in loco*, no turno diurno, onde foram aplicadas entrevistas semiestruturadas e estruturadas para a coleta de informações, com os gestores da instituição de ensino e educadores as mesmas foram elaboradas por mim e supervisionadas pelo orientador, a qual abordava questões do tipo: O que você entende por educação do campo? No PPP da escola resalta o ensino de educação do campo? O que estuda a Geografia? Você acha que o mesmo ensino que é oferecido na cidade deve ser oferecido no campo? Qual a importância de ensinar geografia a partir da realidade em que se vive? Com facilidade os entrevistados nos forneceram os dados sem nenhuma recusa e por último foi feita a sistematização dos dados obtidos em campo.

### 3 A EDUCAÇÃO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

A Educação do Campo é uma proposta de educação que valoriza o modo de ser e viver dos sujeitos do campo, homens e mulheres que trazem consigo histórias de vida que precisam ser respeitadas e valorizadas, visto que precisamos dá um basta com décadas de silenciamento e esquecimento que tanto marca a história destes povos. Faz-se necessário educar os camponeses como sujeitos de direitos, sujeitos sociais e políticos para poderem ser atores de sua própria história. Diante deste pensamento, Silva (2011) assegura que,

Este reconhecimento de que as pessoas que vivem no campo têm direito a uma educação contextualizada a sua realidade, emergiu, portanto, para oferecer aos povos do campo uma educação referenciada na sua vida, na sua cultura, na sua forma de trabalhar, que na atualidade passamos a conhecer como Educação do Campo (SILVA, 2011, p.410).

Para Caldart (2004, p.152) “a realidade que deu origem a esse movimento é de violenta desumanização das condições de vida no campo. Uma realidade de injustiça, desigualdade, opressão, que exige transformações sociais estruturais e urgentes”. Se faz necessário pensar a escola do campo com um olhar holístico vendo o campo não só como um lugar onde se produz mercadorias e sim um lugar que produz saber, saberes pedagógicos.

Historicamente a educação no Brasil nunca foi prioridade para as comunidades rurais, visto que, a educação sempre excluía os povos do campo. A escola serviu e serve para atender as elites, sendo inacessível para alguns povos ou de péssima qualidade para grande parte da população camponesa.

Inconformado com a questão agrária nasce o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) é um movimento social brasileiro de inspiração marxista, cujo objetivo, é a realização da reforma agrária. Esse movimento é fruto do processo histórico de resistência do campesinato brasileiro. O MST é o maior movimento social popular organizado do Brasil e possivelmente da América Latina fundado oficialmente em 1984 é um movimento que luta contra o modelo econômico neoliberal.

Este movimento luta para construir uma sociedade sem exploradores, colocando a terra a serviço de toda a sociedade, visto que é bem de todos, garantindo trabalho a todos, buscando permanentemente a justiça social e a

igualdade de direitos econômicos, políticos sociais e culturais, combatendo todas as formas de discriminação social, buscando a participação igualitária da mulher nos espaços de luta. De acordo com Lima (2011):

A orientação ideológica do MST expressa a defesa dos valores socialistas e a teoria revolucionária exerce também, um grande poder de determinação na constituição da natureza política e social do movimento, e daí que comparece um dos seus elementos marcantes, qual seja, a ênfase na formação políticas das bases. Esta concepção levou ao movimento a prove os seus quadros de alfabetização, educação básica e ensino superior, que historicamente lhes tinham sido negado (LIMA, 2011, p.160).

A Constituição Federal de 1988 afirma que a educação é um direito de todos e dever do estado, passando a garantir indistintamente esse direito a todos os brasileiros. Nessa ótica entende-se que todo cidadão ou cidadã que desejar estudar, não importando onde resida, que seja na cidade ou no campo, esse direito deve ser atendido a todos.

O campo é marcado pela exclusão e marginalização de seus trabalhadores, no tocante a educação que é oferecida, onde qualquer metodologia de ensino é ofertada e não uma educação com significado, que surja da realidade do povo. O campo precisa de uma educação de qualidade vinculada à problemática social vivida pelo sujeito do campo. Corroborando Lima (2013), quando diz que:

A escola do Campo pensada pelos movimentos sociais deve trazer a realidade vivida pelo camponês para a sala de aula para confrontá-la com os conteúdos sistematizados culturalmente, evidenciando a vida cotidiana do educando, visando o despertar de uma consciência crítica vislumbrando, entretanto perspectivas de mudança social emancipatórias. Por isso se faz necessário no campo uma educação que busque a valorização do saber social, do modo de vida do camponês, a partir de articulação do saber cotidiano do povo camponês. Uma educação que nega toda e qualquer condição de subordinação e busca novas práticas pedagógicas que se constituem a partir da união, participação, organização e negociação, visando à formação de novos sujeitos sociais capazes de opor-se ao controle social denominador negativo, aquele que não emancipa e sim oprime. (LIMA, 2013, p. 1-2)

Nesse embate surge a proposta de educação do campo que valoriza e atende as necessidades dos sujeitos do campo por meio das lutas, princípios e dos ideais do (MST), objetivando buscar melhorias para sua vida tanto no seu meio educacional quanto social, cultural e político, pois a educação rural era tratada de forma injusta. Na literatura nem ao menos era reconhecida e sequer mencionada

nos textos constitucionais, porque os dirigentes brasileiros consideravam os camponeses excluídos de seus direitos como cidadãos. Segundo Pereira (2009),

A introdução da educação rural na ordem jurídica brasileira se deu nas primeiras décadas do Século XX, quando se percebeu a importância da educação para conter o movimento migratório e elevar a produtividade do campo. Entretanto, ela nunca conseguiu se distanciar do paradigma urbano. As escolas implantadas no campo só contribuíram para reforçar essa imagem. Escolas com pedagogias bancárias, importadas da cidade com um pacote pronto: currículo, calendário, cartilha e professor. Todos oriundos da cidade. Somente em fins da década de 90, sob a pressão dos movimentos sociais do campo, a Educação do Campo surge no cenário brasileiro, ocupando espaços nos órgãos governamentais (PEREIRA, 2009, p. 178).

A educação do campo por motivos socioculturais sempre foi desprezada a planos inferiores. Falava-se que para viver na roça não há necessidade de amplos conhecimentos, não era importante a formação escolar, já oferecida às elites brasileiras, era muito comum encontrarmos no meio rural escolas isoladas e multisseriadas, onde o professor era o “faz tudo”, fazia a merenda, a limpeza da escola, ensinava os alunos e se responsabilizava pela mesma. Esta questão pode ser justificada pela ótica de Molina (2003), onde,

O conceito educação rural esteve associado a uma educação precária, atrasada, com pouca qualidade e poucos recursos. Tinha com pano de fundo um espaço rural visto como inferior arcaico. Os tímidos programas que ocorreram no Brasil para a educação rural foram pensados e elaborados sem seus objetivos, sem sua participação, mas prontos para eles. O movimento por uma Educação do Campo recusa essa visão, concebe o campo como espaço de vida e resistência, onde camponeses lutam por acesso e permanência na terra e para edificar e garantir um modus vivendi que respeite as diferenças quanto á relação com a natureza, com o trabalho, sua cultura, suas relações sociais. Esta neoconcepção educacional não está sendo construída para os trabalhadores rurais, mas por eles, com eles, camponeses (MOLINA, 2003, p.10).

A LDB 9394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), sinalizou algumas ações no sentido de propor um modelo pedagógico e curricular das escolas do campo, que antes era baseada meramente nos moldes e propostas criadas para as escolas urbanas, fazendo com que novas perspectivas surgissem objetivando contemplar as reais necessidades das escolas do campo. Sabendo-se que a LDB, só passou a ter esse caráter, graças aos inúmeros embates dos movimentos sociais que lutam por um ensino voltado para a realidade dos camponeses.

Por isso há um discurso muito efervescente sobre quem deve ensinar nos assentamentos, devido à linguagem que usa e a consciência política que se tem



para trabalhar nesses espaços de luta e resistência, pois este professor precisa valorizar a história de luta destas famílias, ensinando a ler e a escrever através de experiências locais e que também desenvolvam o amor a terra e ao trabalho. Por uma educação brasileira do campo, afirma Lins, (2008):

Desde a gênese do movimento, começou-se a pensar na formação dos educadores, isso porque se parte do entendimento de que o professor que vai atuar nas escolas do movimento MST deve ter além da formação técnica, a política. A idealização do educador do movimento é que ele é de fato seja um militante do movimento, aquela pessoa que tem vínculo orgânico e afinidade ideológica (LINS, 2008, p. 55).

A formação dos educadores para atuarem nas escolas dos assentamentos, precisa ter um caráter pedagógico e político. O educador quando é militante assume o compromisso de trabalhar para/pela classe. Essas necessidades se estabelecem devido alguns assentamentos passarem por muitos problemas com professores que eram de fora e, não comungarem da proposta filosófica do movimento para construção de uma educação emancipadora.

As políticas educacionais para o campo se configuram ou se estruturam a partir das determinações do modelo capitalista e também a partir de uma educação com parâmetros urbanos. Só a partir da luta incessante dos movimentos sociais foi que se criou a possibilidade de pensar a educação a partir das classes trabalhadoras, sob o princípio de uma educação libertadora e não de uma educação opressora.

O modelo de ensino voltado para os povos do campo precisa ser cada vez mais discutido, pois a forma que está sendo pensada não tem atendido nem tão pouco contribuído para os anseios dos que vivem no campo. Compete a proposta de educação do campo criar situações e mecanismos para que os educandos camponeses, não sejam mais estimulados a renegar sua história. Para Aragão (2011):

A proposta da Educação do Campo é que ela promova a autonomia, que cultive suas identidades e eleve a autoestima daqueles que vivem no campo, para que eles sejam capazes de traçar seu próprio destino, sem ter que aguardar passivamente algum benefício advindo de terceiros (ARAGÃO, 2011, p.60).

Os povos que vivem e sobrevivem do campo brasileiro tiveram na história seus direitos educacionais negados. Hoje em pleno século XXI, ainda encontramos

cicatrices deixadas pela classe burguesa que oprimiram e oprimem as camadas populares. O campo sempre foi visto como um lugar de atraso e de pessoas ignorantes, sem prioridade política na educação. “A escola do campo tem que ser um lugar onde especialmente as crianças e os jovens possam sentir orgulho, desta origem e deste destino” (CALDART 2008, p.157).

O campo não pode ser visto pela ótica do latifúndio. O campo é espaço é território de muitos povos: camponeses, indígenas, caiçaras, quilombolas, atingidos por barragens, entre outros. Por tudo isso, o campo é lugar de vida e, sobretudo de educação. Somos o povo brasileiro. Para Caldart (2008),

Um dos traços fundamentais que vêm desenhando a identidade deste movimento por uma educação do campo é a luta do povo por políticas públicas que garantam o seu direito à educação e a uma educação que seja no e do campo. No: o povo tem direito a ser educado no lugar onde vive; Do: o povo tem direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com a sua participação, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais (CALDART, 2008, p. 149-150).

A falta de uma política de valorização deixou como era antes um quadro de precariedade no funcionamento da escola do campo, no tocante os elementos humanos e materiais disponíveis para o fazer pedagógico, a infraestrutura, o espaço físico inadequado, a falta de material didático, mobiliário inadequado e em péssimas condições de uso, salários defasados, organização curricular descontextualizada, falta de formação continuada adequada ao exercício do docente no campo.

A partir da I Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo em julho de 1998, na cidade de Luziânia-GO, promovida pelo MST, UNICEF, UNESCO, CNBB e UnB, movimentos estes que discutiram e incorporaram o conceito de Educação do Campo. A partir desta Conferência passou-se a defender o direito do povo do campo através de políticas públicas de educação respeitando às especificidades, em contraposição às políticas compensatórias da educação rural, tendo uma organização traçada por sentimentos e princípios tendo em vista o progresso do campo. Conforme Arroyo (2008):

A educação do campo precisa ser específica e diferenciada, sobretudo deve ser educação, no sentido amplo do processo de formação humana, construindo referências culturais para intervenção das pessoas e dos sujeitos sociais na realidade, visando uma humanidade mais plena e feliz (ARROYO, 2008, p.23).

A II Conferência Nacional de Educação do Campo onde foi ampliada a participação de diversos grupos organizados, Universidades, e representações governamentais. Na ocasião definiram afirmação do movimento de educação do campo, não mais pensando tão somente na educação básica (1ª a 4ª série), mas na luta para que os camponeses tivessem acesso a toda educação básica (da Educação Infantil, ao Ensino Médio), como também nas universidades públicas cursos de graduações a pós-graduações. Tendo em vista que o campo precisa de profissionais para atuar nele e fora dele.

A educação tem que ser voltada ao ambiente em que esta sendo proposta, pois o campo possui a sua própria singularidade. Portanto, os povos do campo precisam de um ensino de Geografia que possibilite a construção de conhecimento, e não um ensino reprodutivo, pois o processo educativo pode ser um instrumento de formação como também de manutenção do *status quo* do sistema em que vivemos.

As Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo aprovadas em 03 de abril de 2002, e defendem como fundamental para as escolas do campo:

- a) Que as Diretrizes Operacionais para a Educação do Campo sejam adequadas às Diretrizes Curriculares Nacionais para todas as modalidades de ensino que a escola abranja inclusive nos diferentes grupos campestres e sejam levadas em conta nos projetos das instituições integrando os diversos sistemas de ensino;
- b) Que seja contemplado a diversidade do campo, com todos os seus aspectos: sociais, culturais, políticos, econômicos, de gênero, geração e etnia e as escolas do campo possam se definir de acordo com sua identidade cultural e seja considerado um espaço público de investigação e articulação de experiências e estudos direcionados para o mundo do trabalho e com desenvolvimento social, economicamente justo e ecologicamente sustentável;
- c) Que seja garantida a universalização do acesso da população do campo à Educação Básica e à Educação Profissional de nível técnico e haja condições necessárias para o acesso ao Ensino Médio e à Educação Profissional de Nível Técnico sob responsabilidade do Estado;
- d) Que sejam elaboradas propostas pedagógicas no âmbito da autonomia das instituições do campo garantindo a flexibilização da organização do

calendário escolar, salvaguardando, nos diversos espaços pedagógicos e tempos de aprendizagem e que as atividades curriculares e pedagógicas sejam direcionadas para um projeto de desenvolvimento sustentável e a execução do controle social da qualidade da educação escolar pela efetiva participação da comunidade do campo;

- e) Que seja garantida uma gestão democrática, possibilitando as relações entre a escola, a comunidade, os movimentos sociais, os órgãos normativos do sistema de ensino e demais setores da sociedade (BRASIL, 2002).

As Diretrizes objetivam o processo de ensino aprendizagem dos sujeitos do campo, possibilitando um ensino contextualizado a partir da realidade camponesa como também do desenvolvimento da agricultura, dos seus direitos, da qualidade de vida, pois a escola do campo deve atender aos cidadãos do campo respeitando-os em suas diversidades. Pereira (2009) afirma que:

Segundo as diretrizes operacionais, as propostas pedagógicas das escolas do campo devem contemplar a diversidade do campo em todos os aspectos: sociais, políticos, econômicos, de gênero, raça e etnia. Daí a importância de se ter professores que conheçam a história da comunidade e vivenciem os valores culturais do campesinato (PEREIRA, 2009, p.184).

Conforme Arroyo (1999, p.11), “é impossível pensar na Educação do Campo sem referi-la aos sujeitos concretos, históricos, à infância, à adolescência, à juventude, aos adultos que vivem e se constituem humanos”. É preciso levar em consideração o processo educativo dos povos do campo a realidade dos sujeitos do campo, suas experiências trazidas no decorrer de suas vivências no processo de formação.

#### **4 A GEOGRAFIA NA SALA DE AULA**

O ensino de Geografia desde os primórdios pode considerar que serviu a reprodução dos ideais dominantes, principalmente o sentimento de nacionalidade e de civismo, que tinha como objetivo estabelecer relação de poder na ação de domínio da superfície terrestre e na forma de transmissão dos conteúdos que se prendia na descrição da realidade, onde os professores em suas aulas mascaravam a real função do ensino de Geografia. Para Lacoste (2005):

A função ideológica essencial do discurso da geografia escolar e universitária foi sobretudo a de mascarar por procedimentos que não são evidentes, a utilidade prática da análise do espaço, sobretudo para a condução da guerra, como ainda para a organização do Estado e prática do poder. E, sobretudo quando ele parece "inútil" que o discurso geográfico exerce a função mistificadora mais eficaz, pois a crítica de seus objetivos "neutros" e "inocentes" parece supérflua. A sutileza foi a de ter passado um saber estratégico militar e político como se fosse um discurso pedagógico ou científico perfeitamente inofensivo. Nós veremos que as consequências desta mistificação são graves (LACOSTE, 2005, p.11).

Com o surgimento do movimento de renovação denominado "Geografia Crítica" na década de 70-80, o ensino passou por uma significação. Na sala de aula esta nova forma de pensar a Geografia aparece como possibilidade de pensar o mundo, onde o geógrafo utiliza em suas aulas o seu potencial teórico, junto às metodologias modernas que dinamize os conteúdos, objetivando contribuir positivamente para amenizar alguns problemas na aprendizagem dos alunos.

Precisamos de uma Geografia que siga as mudanças da sociedade e que seja ocasionadora de mudanças, trazendo transformações para a realidade da sala de aula, com caráter formador de cidadãos conscientes da realidade. Para que isso aconteça é preciso acabar com a educação bancária no ensino de Geografia. Afirma Freire (1987, p.66) "dessa maneira, o ensino se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante".

O ensino de Geografia precisa ser algo dinâmico, porque a geografia é dinâmica, é preciso que este conhecimento seja construído junto com os educandos dando significados ao mesmo. Para Freire (1996, p.47) "ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção".

O desafio do século XXI é fazer com que os alunos se interessem em aprender, e para que aconteça esta aprendizagem é preciso que o professor de Geografia inove e crie situações de aprendizagem que envolva o aluno e leve-o a desenvolver suas potencialidades, para que haja este interesse é preciso que o professor ponha o educando como centro da aprendizagem, para que ele se sinta valorizado. Se quer ensinar os alunos a pensarem dialeticamente, importa definir ao mesmo tempo que conteúdos permitem a eles o exercício desse pensamento e o modo pela qual esse exercício é viável (CAVALCANTI,1998).

Ensinar Geografia é muito mais do que fazer leitura de textos, leitura de mapas, exporem ideias e conceitos, ensinar Geografia é levar o aluno a analisar a

funcionalidade dos elementos naturais ao seu redor, aguçando todos os seus sentidos para que haja uma aprendizagem significativa, compreendendo o espaço geográfico e as suas contradições tanto naturais quanto sociais.

Para compreender o mundo é primordial não apenas ter acesso às inúmeras informações, mas saber analisá-las e interpretá-las. Esse olhar diferenciado precisa ser despertado no aluno para que haja efetivamente a construção do saber. O conhecimento só é positivo quando consegue contextualizar a informação e situá-la como um todo. Em Pessoa (2007) vê-se que:

Essa nova forma de pensar e fazer geografia representou uma facilidade de aproximação em relação aos movimentos sociais passando assim a lutar conjuntamente em pró de uma sociedade mais justa e igualitária no acesso a moradia, a terra, a educação, e a distribuição de renda (PESSOA, 2007, p. 62).

A proposta de oportunizar aos alunos uma leitura de mundo parte do princípio de valorização das experiências como cidadãos, atuando, nos diferentes espaços. Precisamos sair das amarras do sistema educacional que muitas vezes nos aprisionam, onde só oportunizam trabalharmos com conteúdos engessados, prontos, que não leva a reflexão, contidos no currículo formal das escolas.

Aprender Geografia é enxergar as contradições do espaço, conectando fatos e situações, para dar sentido ao aprendido e a vida, é um pensar articulado das partes para o todo de forma dialógica.

Os conteúdos precisam ser trabalhados a partir do lugar, como espaço próximo, vivido para que possa contextualizar o conhecimento considerando a escala local, regional, nacional e mundial, pois os educandos como cidadão do mundo, precisam conhecer o mundo em que vivem.

É de fundamental relevância a apreensão da realidade do ponto de vista da espacialidade, ou seja, de compreender o papel do espaço geográfico nas práticas sociais. Para Kimura (2010, p.69) “é importante, situar o ensinar-aprender na análise da escola como um todo, acreditando que fazendo este paralelo haverá compreensão da relação entre o geral e o particular, entre o todo e as partes”.

Para que possamos ensinar de forma significativa, é preciso inovar as metodologias, pois cada educando é único e apresenta ritmo diferente para aprender onde a utilização de diferenciados procedimentos metodológicos facilitarão o processo ensino aprendizagem. As metodologias utilizadas precisam estar pautadas

na prática da construção dialógica buscando fazer a relação entre conhecimento e realidade. Afirma Castrogiovanni (2000) que:

Existe ainda pouca aproximação da escola com a vida, com o cotidiano dos alunos. A escola não se manifesta atraente frente ao mundo contemporâneo, pois não dá conta de explicar e textualizar as novas leituras de vida. A vida fora da escola é cheia de mistérios, emoções, desejos e fantasias, como tendem ser as ciências. A escola parece ser homogênea, transparente e sem brilho no que se refere a tais características. É urgente teorizar a vida, para que o aluno possa compreendê-la e representá-la melhor e, portanto, viver em busca de seus interesses (CASTROGIOVANNI, 2000, p.13).

O professor de Geografia precisa interagir com o educando de forma que o leve a fazer reflexões sobre o que é estudado é qual a importância de estudar, pois a partir desta reflexão que o ensino transforma-se em aprendizagem. Portanto para que isso aconteça precisa trabalhar os conteúdos mesmo que distantes geograficamente fazendo paralelo com o dia-a-dia dos educandos, e com os saberes que trazem consigo.

O maior desafio do professor nos dias atuais é trazê-los para a sala de aula e o fazê-lo permanecer, pois na conjuntura globalizada que vivemos inseridos, onde são oferecidas inúmeras possibilidades de diversão e entretenimento fica difícil se fazer ouvir por nossos educandos, quando o professor ainda utiliza metodologias de ensino inadequadas.

## **5 A PRÁXIS DA EDUCAÇÃO NO CAMPO NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL MANOEL SOARES DE OLIVEIRA**

O campo de pesquisa selecionado foi a Escola Municipal de Ensino Fundamental Manoel Soares de Oliveira, localizada no Sítio Lagoa de Fora, na zona rural da cidade de Itapororoca/PB. A Escola está situada há 7 km da sede do município e a 1 km da PB 054 que faz ligação entre os municípios de Itapororoca e Araçagi.

A Escola foi construída no ano de 1984, tendo em vista a necessidade de construção de uma escola para atender a comunidade local o prefeito em exercício no corrente ano construiu o prédio que viria beneficiar não somente aquela comunidade, mas também as comunidades vizinhas.

A Unidade Escolar conta atualmente com 197 alunos matriculados, vindos das seguintes comunidades: Lagoa de Fora, Macacos, Piripiri, Marmaraú, Curralinho e Timbó, pois estas comunidades tiveram suas escolas fechadas, no segundo semestre do ano de 2013, então estes alunos foram transferidos para a escola polo de Lagoa de Fora.

A escola procura desenvolver um trabalho participativo visando um bom relacionamento entre os membros que a compõe, procura ainda desenvolver ações que facilitem o processo de ensino aprendizagem dos discentes. Há ainda um Conselho Escolar que tem a função de traçar e definir metas e prioridades da escola para que haja um bom funcionamento e fiscalização dos recursos financeiros da mesma.



**Figura 1** - Escola Manoel Soares de Oliveira, Sítio Lagoa de Fora.  
**Fonte:** Arquivo pessoal do autor, 2014.

A Escola possui Projeto Político Pedagógico (PPP), elaborado com a participação da comunidade escolar: gestores, professores, pais de alunos, alunos, representantes da comunidade e demais funcionários da escola, no entanto, se encontra desatualizado devido as mudanças ocorridas no segundo semestre de 2013. O planejamento escolar é organizado quinzenalmente com acompanhamento da supervisora escolar.

Com relação as atividades econômicas desenvolvidas na comunidade, boa parte dos jovens da comunidade migram para os grandes centros da região sudeste (Rio de Janeiro/São Paulo) em busca de emprego e melhores condições de vida. No



entanto, esses jovens que permanecem trabalham nas atividades agrícolas, relacionado ao cultivo do abacaxi, mandioca, feijão, milho, inhame entre outros.

As práticas desses cultivos são passadas de pais para filhos e a plantação se concentra nos terrenos de herdeiros ou em arrendamento, isso quando se tem um meio para o cultivo e plantação; quando não se dispõe de terra nem de recurso financeiro, saem em busca de trabalho no cultivo do abacaxi ou na cana-de-açúcar dos grandes latifundiários.

O Sítio Lagoa de Fora apresenta uma vasta produção da monocultura do abacaxi, esse cultivo proporciona expressiva movimentação dos recursos financeiros principalmente das pessoas da cidade que se deslocam para realizar suas plantações no mesmo.

A Gestão atual demonstra ser profissional e participativa no cotidiano da escola. A qual assumiu o cargo por eleições, conquista esta do município para com as escolas que funcionam com mais de 100 alunos.



**Figura 2** - Aula de Campo Cabaceiras/PB.  
**Fonte:** Arquivo pessoal (2013).



**Figura 3** - Aula de Campo Cabaceiras/PB.  
**Fonte:** Arquivo pessoal (2013).

A escola não possui um projeto anual que envolva toda comunidade, mais trabalham temáticas relevantes como foram os projetos desenvolvidos em 2013, o “Projeto Aula de Campo”, onde uma vez por semestre promove uma aula de campo de forma interdisciplinar e trabalharam o “Projeto Meio Ambiente e Cidadania”, que objetiva despertar nos educandos uma consciência ambiental.



**Figura 4:** Projeto meio ambiente e cidadania  
**Fonte:** Arquivo pessoal do autor (2013)



**Figura 5:** Projeto meio ambiente e cidadania  
**Fonte:** Arquivo pessoal do autor (2013)

**Quadro 1** - Número de funcionários da E.M.E.F. Manoel Soares de Oliveira

<b>FUNCIONÁRIOS</b>	<b>QUANTIDADES</b>
Gestora	1
Gestores Adjuntos	2
Professores (as)	15
Merendeiras	3
Auxiliar de serviços gerais	3
Vigilantes	3
Supervisor Escolar	1
<b>TOTAL:</b>	<b>28</b>

**Fonte:** Elaboração do Autor.

Os dados apresentados indicam a ausência de outros funcionários necessários para atender a demanda da escola: secretária, monitor de informática, auxiliar de sala de leitura, inspetor de alunos, porteiro, entre outros que se fazem necessários no ambiente escolar.

Um número razoável de pais tem uma boa participação na formação de seus filhos, procurando sempre acompanhá-los no seu processo educativo, porém um número significativo de pais não participa efetivamente da formação dos filhos. A escola promove uma reunião por bimestres para discutir assuntos referentes ao processo ensino aprendizagem dos filhos como também os relacionamentos dos alunos/professores e aluno/aluno. A escola também promove eventos onde toda a comunidade é convidada a prestigiar tais como: quermesse Junina, festa das mães, e festa dos pais.



**Figura 6** - Comemoração alusiva ao dia das mães.  
**Fonte:** Arquivo pessoal (2014)



**Figura 7** - Comemoração alusiva ao dia das mães.  
**Fonte:** Arquivo pessoal (2014)

Os pontos negativos encontrados na escola foram os seguintes: os professores da escola não possuem uma formação continuada e apropriada a realidade dos alunos do campo, o que dificulta ainda mais o processo ensino aprendizagem. Alguns funcionários participaram de algumas formações que abordaram a proposta de Educação do Campo, mais não foi satisfatória, para poderem atuar na proposta de educação de forma mais significativa, visto que no questionário um número significativo não soube responder com precisão o que é Educação do Campo. Outro ponto que merece destaque é o currículo que não atende os anseios do povo do campo.

Em termos de materiais didáticos para as aulas é insatisfatório quase sem nenhum subsídio para desenvolver com qualidade as atividades, dificultando ainda mais a aprendizagem dos alunos.

Nas fotos a seguir podemos observar ambientes da escola, as quais possibilitam identificar algumas limitações na infraestrutura e perceber um ambiente educacional não apropriado, o que dificulta a inserção de uma educação de qualidade e apta para um bom rendimento dos alunos das localidades atendidas.



**Figura 8** – Mobiliário deteriorado presente na sala de aula da E.M.E.F. Manoel Soares.  
**Fonte:** Arquivo pessoal (2014)



**Figura 9** - Ambiente da E.M.E.F. Manoel Soares que está inadequado para o funcionamento do Laboratório de Informática.  
**Fonte:** Arquivo pessoal (2014)

A Escola possui 10 computadores e 2 impressoras, mais encontram-se desativados, devido a falta de uma sala adequada como também manutenção regular, não possui internet, data show, caixa amplificadora de som, aparelho de som, coleção de multimídia referente aos conteúdos das disciplinas, alguns ventiladores existentes encontram-se quebrados e os que funcionam são insuficientes para atender o número de alunos por sala.

O número de carteiras é insuficiente para comportar os alunos de uma sala, temos alunos do fundamental II sentados em carteiras apropriadas para a educação infantil o que causa um desconforto físico devido a má postura como se sentam, pois são alunos com idade entre 9 a 17 anos sentados em cadeiras apropriadas para crianças de 3 a 5 anos.

A unidade de ensino não tem almoxarifado para guardar os instrumentos que são utilizados na escola, os banheiros estão em péssimas condições para atender o número de alunos provenientes das unidades fechadas. Para tentar acolher esses novos alunos cada sala foi dividida em duas com uma parede de gesso, fazendo com que elas ficassem muito pequenas e sem ventilação adequada dificultando muitas vezes a circulação do professor e dos alunos.

Seria de suma importância que se investisse na escola, pois precisa urgentemente realizar uma reforma e ampliação, para favorecer os alunos das comunidades melhores condições físicas e educacionais, proporcionando melhor conforto nas salas de aulas, espaços de lazer, sala de leitura, sala de vídeo,

parquinho para as crianças, almoxarifado, sala dos professores, diretoria, sala multifuncional, banheiros para os professores e alunos higienizados para que atenda de forma satisfatória a realidade camponesa.

O que se pode observar a partir das respostas obtidas através do questionário foi que a maioria dos professores ainda tem a visão de um ensino uniforme tanto para cidade como para o campo. Ao perguntar sobre a importância de ensinar Geografia a partir da realidade em que vivem alguns responderam que seria interessante, outros que ficaria mais fácil aprender, ainda teve os que responderam que seria chato, segundo eles aqui não tem nada que chame a atenção para ver.

Notamos que é relevante ressaltar que o estudo sobre a educação do campo e o ensino de Geografia deve se desenvolver entendendo a mesma como produto da ação social, resultante das práticas coletivas desenvolvidas pelos grupos sociais que nele vive. Neste sentido, a pesquisa possibilitou-nos desvelar a ação dos sujeitos do campo e sua importância no processo educativo.

Precisa-se de uma educação que forme o indivíduo crítico, reflexivo e atuante na sociedade, para isso ele precisa está bem formado e ter sua capacidade intelectual valorizada para que assim possa agir com eficácia na vida em sociedade.

Na educação do campo devem ser observadas as identidades do sujeito que vive nessa realidade, realidade esta que deve ser questionada e compreendida. Percebe-se que a formação do educador se faz de extrema importância para que este possa ter uma atitude diferenciada enquanto educador, contribuindo através de sua formação para o aprendizado de seus alunos.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A proposta desse artigo foi apresentar que o ensino de Geografia para a Educação do/no Campo deve ser embasado numa Geografia crítica, pois esta perspectiva parte da compreensão do todo da realidade da sociedade sendo importante esse conhecimento ser construído junto ao aluno camponês para sua emancipação.

A Educação do Campo nasceu dos Movimentos Sociais, cujo objetivo é reivindicar os direitos dos sujeitos do campo e melhores condições de vida, saúde, educação, trabalho, desenvolvimento, infraestrutura e outros. De acordo com as

Diretrizes as demandas provenientes dos Movimentos Sociais devem subsidiar os componentes estruturantes das políticas educacionais, respeitando o direito à educação escolar, nos termos da legislação vigente.

O papel da escola, segundo o MST para os acampamentos e assentamentos é de buscar concretizar a proposta de que educadores que atuam em suas salas sejam militantes, compreendendo que somente a formação técnica não é suficiente, para trabalhar com a classe trabalhadora do campo. A proposta de educação do campo precisa trabalhar a partir da realidade local a qual os educandos estão inseridos para poder trabalhar com a realidade global.

A opção de trabalhar a partir do cotidiano é de suma relevância para desenvolver a produção do conhecimento propondo práticas educativas que contemplem as necessidades e interesses pessoais e coletivos desses sujeitos. Considerando a especificidade e diversidade de identidades culturais presentes na vida do campo. Numa dinâmica constante entre ação-reflexão-ação favorecendo um olhar questionador.

A educação do campo procura desenvolver os educandos não só na esfera intelectual, mais sim, nas esferas sociais, econômicas e culturais com o intuito de formar seres humanos conscientes do seu papel na sociedade sendo agente transformador, pois a educação que não liberta não é educação.

O campo que a escola está situada possibilita diferentes formas metodológicas para trabalhar o ensino de Geografia, onde se pode explorar as aulas de Geografia de diversas formas em diferentes conteúdos, o que acontece e que os professores estão ainda muito presos a sala de aula e não conseguem vê o ensino de Geografia como algo vivo e dinâmico, onde possa levar os alunos a questionar sua própria realidade, conseqüentemente conseguir uma aprendizagem significativa.

Neste trabalho não se pretende encerrar esta discussão de como está o ensino de Geografia na escola do campo e como está sendo esse ensino no tocante a aprendizagem. Portanto precisam ser revistos urgentemente algumas posturas metodológicas para com o ensino do/no campo, para podermos ter um ensino que valorize o saber do povo do campo, sua história e sua gente.

Espera-se que estas questões levantadas possam levar a reflexão de como está o ensino de Geografia, e que este ensino na escola possa contribuir para que o aluno contextualize com o seu dia-a-dia e resolvam as suas inquietações com o saber geográfico.

## REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, Wellington Alves. **Questões agrárias e a educação do campo: uma análise do assentamento campo verde – microrregião do litoral sul Paraibano**. Dissertação de Mestrado, UFPB, João Pessoa, 2011, 159p.
- ARROYO, Miguel; FERNANDES, Bernardo Mançano. **Por uma educação básica do campo: a educação básica e o movimento social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999. v. 2.
- ARROYO, Miguel Gonzales; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna. (organizadores). **Por uma Educação do Campo**. Petrópolis RJ: Vozes, 2008.
- BRABANT, Jean-Michel. Crise da geografia, crise da escola. IN: OLIVEIRA, Arioovando U. de, (Org) BRABANT, Jean-Michel, VESENTINI, José W, VLACH, Vânia R. F, SANTOS, Douglas, CARVALHO, Marcos B. de, MORAES, Antônio Carlos, WETTSTEIN, Germán. **Para onde vai o ensino de geografia**. São Paulo, Contexto, 2010. (Repensando o Ensino). Capítulo I, p.15-23.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB**: LEI nº 9.394/96-2ª ed. Rio de Janeiro, Lamparina, 2010.
- BRASIL. Ministério da educação (MEC). Conselho Nacional de educação (CNE). Resolução CNE/ CEB nº 1, de 3 de abril de 2002: **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo**. Diário oficial da União, 9 de abril de 2002.
- CALDART, Roseli Salete. Por uma educação do campo: traços de uma identidade em construção. IN: ARROYO, Miguel Gonzales, FERNANDES, Bernardo Mançano; MOLINA, Mônica Castagna. (orgs.) **Por uma educação do campo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. Capítulo V, p.149-158.
- CALDART, Roseli Salete. A Escola do Campo em Movimento. In: ARROYO, Miguel Gonzalez et al. **Por uma educação do campo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. Apreensão e compreensão do espaço geográfico. IN: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. (org.) CALLAI, Helena Copetti, KAERCHER, André Nestor. **Ensino de geografia: práticas e contextualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000. Capítulo I, p.11-79.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas-SP, Papirus, 1998.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Os campos da pesquisa em educação do campo: espaço e território como categorias essenciais**. Universidade Estadual Paulista UNESP. I Encontro Nacional de Pesquisa em Educação do Campo. Brasília, 2005.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Diretrizes de uma caminhada. IN: ARROYO, Miguel Gonzales, CALDART, Roseli Salete, MOLINA, Mônica Castagna. (orgs.) **Por uma educação do campo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, Capítulo IV, p. 135-145.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

KIMURA, Shoko, **Geografia no ensino básico: questões e propostas**. São Paulo: Contexto, 2010.

LACOSTE, Yves. **A Geografia isso serve em primeiro lugar, para fazer a guerra**. 10ª ed. São Paulo: Papirus, 2005.

LIMA, Edvaldo Carlos de. **Dissidência e fragmentação da luta pela terra na “zona da Cana” nordestina: o estado da questão em Alagoas, Paraíba e Pernambuco**. Tese de doutorado, UFPE, Recife, 2011, 255p.

LIMA, Lucicleide Paz Ferreira. **A escola na perspectiva da educação do campo e no contexto das lutas dos movimentos sociais**. II Encontro de Pesquisas e Práticas em Educação do Campo da Paraíba. UFPB, João pessoa, 2013.

LINS, Lucicléa Teixeira, OLIVEIRA Verônica de Lourdes Batista de. **Educação popular e Movimento Social; aspectos multidimensionais na construção do saber**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB. 2008.

MOLINA, Mônica Castagna. **O campo da educação do campo**. Brasília. (Tese) Doutorado em Desenvolvimento Sustentável. Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília, 2003.



PEREIRA, Antonio Alberto. **Pedagogia do Movimento Camponês na Paraíba: das Ligas aos Assentamentos Rurais**. João Pessoa: Ideia; Editora Universitária, 2009.

PESSOA, Rodrigo Bezerra. **Um olhar sobre a trajetória da geografia escolar no Brasil e a visão dos alunos do ensino médio sobre a geografia atual**. Dissertação de Mestrado, UFPB, João Pessoa, 2007, 130p.

SILVA, Maria do Socorro. **A construção da licenciatura em educação do Campo: espaços de diálogo e rupturas na Universidade**. IN: AIRES, José Luciano de Queiroz et al (Orgs.) *Cultura da mídia, história cultura e educação do campo*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011. Capítulo VI, p. 410.

## **APÊNDICES**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB**  
**CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO**  
**DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**  
**CURSO DE GEOGRAFIA**

**ENTREVISTA**

**Entrevista dirigida a Gestora:**

**1) Nome da Escola:**

\_\_\_\_\_

**2) Local e Município:** \_\_\_\_\_

**3) Nome do Gestora:** \_\_\_\_\_

**4) Idade:** \_\_\_\_\_

**5) Contato:** ( ) \_\_\_\_\_

**6) Tipo de nomeação:** Eleição ( ) ; Indicação ( )

**7) Qual a sua Formação?** \_\_\_\_\_

**8) Qual seu tempo de trabalho como gestora?** \_\_\_\_\_

**9) Onde reside?** Campo ( ) ; Cidade ( )

**10) Nomes dos Gestores adjuntos:**

\_\_\_\_\_

**Onde residem?** Cidade ( ) ; Campo ( ) **OBS:** \_\_\_\_\_

**11) Quanto tempo a Escola tem de funcionamento?** \_\_\_\_\_

**12) Quantos funcionários trabalham na escola e onde residem:**

Professores	Quantidades		Onde reside		Telefone
	Concursado	Contratado	Cidade	Campo	
C/ Pedagógico					
C/ Licenciatura					
C/ Especialização					
C/ Mestrado					

**13) Quantos funcionários trabalham na Escola e onde residem?**

Funcionários	Quantidades		Residência		Telefone
	Concursado	Contratado	Cidade	Campo	
Merendeiras					
Vigilantes					
Porteiros					
Secretárias					
Ag. Administrativos					
Aux. Serviços Gerais					
Monitor de Informática					
Aux. de Sala de Leitura					
Inspetor de Alunos					
Supervisor Escolar					
Gestor					
Gestor Adjunto					

**14) N° de alunos Matriculados:** \_\_\_\_\_ **Faixa Etária:** \_\_\_\_\_

**15) Modalidades de Ensino ofertada na Escola:** \_\_\_\_\_

**16) Turnos de funcionamento e quantidades de turmas em cada turno:**

**Manhã:** \_\_\_\_\_ **Tarde:** \_\_\_\_\_

**17) Há Conselho Escolar?** Sim ( ) ; Não ( )

**Se sim, periodicidade de reuniões:** \_\_\_\_\_

**Número de Componentes do Conselho Escolar:** \_\_\_\_\_

**Nome do Presidente do Conselho:** \_\_\_\_\_

**18) A escola possui Projeto Político-Pedagógico?** Sim ( ) ; Não ( )

**Esta atualizado?** Sim ( ) Não ( )

**Houve a participação da comunidade na sua elaboração?** \_\_\_\_\_

**19) Há planejamento escolar?** Sim ( ) ; Não ( )

**Periodicidade:** Semanal ( ) ; Quinzenal ( ) ; Mensal ( ) ; Outro ( )

**20) O que você entende por Educação do Campo?**

**21) Você já teve formação sobre a proposta de Educação do Campo? Foi satisfatória?**

**22) No Projeto Político Pedagógico PPP da escola em algum momento faz menção a Proposta de Educação do Campo?**

**23) Na sua concepção, o ensino de Geografia está inserido na proposta de Educação do Campo?**

**24) Conhece as Diretrizes Operacionais da Educação do Campo? Se sim, qual a sua importância?**

- 25) Quem participa da elaboração do Currículo?**
- 26) Quais os recursos e materiais didáticos oferecidos pela Escola? Esses recursos e materiais são favoráveis para a avaliação contínua na sala de aula? Justifique.**
- 27) Qual a relação da Escola com a Comunidade?**
- 28) Quais as principais dificuldades enfrentadas na sua Gestão?**
- 29) Qual a participação, e apoio recebido da Secretaria Municipal de Educação do Município?**
- 30) Tem alguma sugestão para melhorar o funcionamento da sua Escola?**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB**  
**CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO**  
**DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**  
**CURSO DE GEOGRAFIA**

**ENTREVISTA**

**Entrevista dirigida aos professores:**

- 1) Nome do professor (a): \_\_\_\_\_
- 2) Idade: \_\_\_\_\_
- 3) Vínculo: Contratado (  ); Concursado (  )
- 4) Onde reside? Campo (  ) Cidade (  )
- 5) Qual é a sua Formação? \_\_\_\_\_
- 6) Há quanto tempo você trabalha como professor (a) nesta Escola? \_\_\_\_\_
- 7) Quais as dificuldades encontradas na sua sala de aula?
- 8) Quais são as metodologias utilizadas?
- 9) Como é realizado o planejamento das aulas?
- 10) Como é realizada a avaliação dos alunos?
- 11) Existe sala multisseriada? Se sim, qual a metodologia que você usa?
- 12) Enfrenta algumas dificuldades no processo ensino aprendizagem? Se sim, Quais?
- 13) Qual a relação que sua escola tem com os pais dos alunos?
- 14) Participa de formação continuada? Se sim, o que acha da formação?
- 15) Conhece as Diretrizes Operacionais da Educação do Campo? Se sim, qual a sua importância?
- 16) Quais os recursos e materiais didáticos oferecidos pela Escola? Esses recursos e materiais são favoráveis para a avaliação contínua na sala de aula? Justifique.
- 17) Estes materiais utilizados correspondem à realidade dos alunos? Justifique.
- 18) Tem auxiliar na sala? Se sim, qual a formação?
- 19) Tem alunos especiais? Se sim, como você trata esse desafio?

- 20) Quais as dificuldades de aprendizagem observadas nos alunos da sua turma?
- 21) A comunidade participa da Escola? Se sim, como?
- 22) Existe algum Projeto voltado para a comunidade local? Se existe, descreva o (s) Como ele é avaliado?
- 23) Você conhece algum Movimento Social do Campo? Se sim, qual?
- 24) Que contribuições os Movimentos Sociais do Campo dão/ou podem dar às Escolas do Campo?
- 25) O que você entende por Educação do Campo?
- 26) Você já teve formação sobre a proposta de Educação do Campo? Foi satisfatória?
- 27) No Projeto Político Pedagógico PPP da escola em algum momento faz menção a Proposta de Educação do Campo?
- 28) Como você trabalha os conteúdos de Geografia, para aproximar da realidade dos alunos?
- 29) Na sua concepção, o ensino de Geografia está inserido na proposta de Educação do Campo?
- 30) Em sua opinião, como deve ser a Escola do Campo?
- 31) Quem escolhe as formas de avaliação, elas ajudam no processo avaliativo?
- 32) Os alunos obtêm os mesmos rendimentos educacionais?
- 33) A família acompanha o processo educacional dos seus filhos?
- 34) Você acha que há algum impedimento por parte do ambiente escolar para a obtenção de um bom rendimento educacional dos alunos?
- 35) Os recursos são suficientes para a avaliação da aprendizagem?